

**DIÁLOGO ENTRE FÁBULAS: A AÇÃO UNITIVA
DA PROSOPOPEIA ENTRE ESOPHO E FABULISTAS
JUVENIS DO SÉCULO XXI**

Erika Romana Lacerda Barbosa da Silva (UFRRJ)
eromannas@gmail.com

RESUMO

A fábula é uma das mais antigas manifestações discursivas conhecidas pela humanidade, datada, aproximadamente, do século XVIII a.C., e que chega ao século XXI, ainda cheia de vitalidade e cheia de singularidades a serem estudadas. Inicialmente, na Grécia, a fábula era voltada para o público adulto, devido a sua mensagem subliminar e sua linguagem alegórica. Todavia, há muito tempo, o público infantojuvenil passou a apreciar a fábula por todas as suas características singulares. Assim, o presente trabalho propõe comparar os olhares fabulares de Esopo, século VI a.C., e de fabulistas juvenis do século XXI, através da construção prosopopeica em suas fábulas. O alicerce teórico baseia-se nos estudos de Dezotti (2018) e Botelho (2012; 2007) sobre a fábula; de Bakhtin (2016) sobre gênero discursivo; entre outros estudos e seus respectivos pesquisadores.

Palavras-chave:

Esopo. Fábula. Prosopopeia.

ABSTRACT

The fable is one of the oldest discursive manifestations known to man, dated, approximately, from 20th century BC, which reaches the 21st century, still full of vitality and full of singularities to be studied. Initially, the fable was aimed at the adult audience, due to its subliminal message and allegorical language. However, long since, children and teenagers began to appreciate the fable because of all its unique characteristics. In this way, the present work proposes to compare the fabulous looks of Aesop, 6th century BC, and of young fabulists of the 21st century, through the prosopopeic construction present in their fables. The theoretical foundation is based on Dezotti (2018) and Botelho (2012; 2007) studies on the fable; Bakhtin (2016) on discursive genre; among other studies and their respective researchers.

Keywords:

Aesop. Fable. Prosopopeic

1. Introdução

O ato comunicativo, inerente ao ser humano, é marcado por narrativas, e a fábula, estruturalmente narrativa, é um “modo universal de construção discursiva” (Cf. DEZOTTI, 2018, p. 23).

A fábula, embora de origem remota, apresenta-se ainda cheia de vitalidade nos dias atuais, de tal modo que fascina e instiga um público diverso, composto por crianças, jovens e adultos, a ler e a escrever fábulas.

Os segredos da vitalidade e da resistência da fábula encontram-se nas suas tão especiais e particulares características. São elas: um texto curto, uma flexibilidade na adaptação a quaisquer formatos textuais e narrativos (anedota, etiologias, narrativas zoológicas, conto maravilhoso, provérbio apolítico, mito), imposição a uma reflexão moral dos costumes individuais, sociais ou universais, além de não se limitar a uma história imutável, pelo contrário, permite-se a enxertos e fragmentações ao longo de suas produções orais e escritas.

O presente trabalho, através de uma análise comparativa entre as fábulas esopianas, século VI a.C., e as fábulas de jovens fabulistas, século XXI, propõe evidenciar a opção, em comum, pela prosopopeia, especialmente por personagens animais com atitudes, sentimentos e falas humanas.

2. *Gênero discursivo*

Todo e qualquer discurso comunicativo é construído por meio de “certos gêneros do discurso” (Cf. BAKHTIN, 2016, p. 38), que se apresentam como um modelo comum aos interactantes em conformidade com a exigência de cada situação comunicativa, possibilitando, aos envolvidos, na interação dialógica, identificar e produzir um gênero.

Os gêneros discursivos, na perspectiva bakhtiniana, são inúmeros e compostos por construção composicional, por um conteúdo temático e por um estilo, além de serem relativamente estáveis por sofrerem diferentes e numerosas variações, tais como,

(...) variações de acordo com a intenção comunicativa, de acordo com o meio de produção e de suporte, de acordo com a comunidade linguística, de acordo com o núcleo temático, entre outros aspectos. (SILVA, 2020, p. 17-18)

O gênero analisado, neste trabalho, é a fábula que objetiva, dentre tantas outras propostas, enriquecer o discurso de “toda uma galeria de gente humilde, que lida com as adversidades impostas por uma vida árdua” (Cf. ESOPPO, 2013, p. 16) e permitir, segundo Cândido (2012, p. 179), “que o conteúdo ganhasse maior significado”.

3. Fábula

A fábula, narrativa ficcional de caráter universal, é uma variante de contos populares. Sua origem remonta ao século XVIII a.C., porém, a partir do século VI a.C., a fábula ganha os contornos de uma “tipologia textual” atribuída a Esopo (Cf. DEZOTTI, 2018, p. 18).

A estrutura fabular é fixa e dividida em duas partes: a narrativa e a lição de moral, e nomeadas por La Fontaine, respectivamente, de “corpo” e “alma” (Cf. LA FONTAINE, 2013, p. 151). No entanto, a lição de moral (alma) possui uma posição variável, podendo ser encontrada antes da narrativa (*protomitio*), no meio da narrativa (*endomitio*) ou após a narrativa (*epimitio*). Além disso, a fábula apresenta as seguintes características: a concisão, a objetividade e uma linguagem alegórica, que propicia a utilização da prosopopeia.

Cabe ressaltar que, em sua origem, a fábula era destinada a um público adulto e consistia em “um meio importante de transmissão dos valores do grupo” (ESOPO, 2013, p. 10) e meio também para proporcionar reflexão e denúncia, principalmente sob a ação de “seres inanimados (que ganham vida) e animais que contracenam entre si” (BOTELHO, 2007, p. 4), através de uma linguagem alegórica, conforme fábulas presentes neste trabalho.

4. Escolha do corpus

Propõe-se a análise de duas fábulas, retiradas de dois livros distintos: uma do livro “Esopo: fábulas completas”, de Esopo, e outra do livro “Fábulas do século 21: a singularidade do olhar infantojuvenil”, de Romana.

Escolheu-se, em primeiro lugar, a obra esopiana como guia para seleção lexical fabular e de uso da prosopopeia, pois Esopo é o expoente entre os fabulistas, tendo criado, já no século VI a.C., um modelo fabular, que serve de inspiração a diversos fabulistas até os dias atuais.

O livro “Esopo: fábulas completas” é uma obra bem cuidada, com 383 fábulas atribuídas a Esopo, e traduzidas do grego pela pesquisadora, tradutora e professora da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Maria Celeste Consolin Dezotti, tendo vasta experiência com a língua grega e com fábulas.

A segunda obra escolhida para análise é o livro “Fábulas do século 21: a singularidade do olhar infantojuvenil”, composta por 27 fábulas autorais, sendo 26 delas escritas por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental e 1 escrita pela professora organizadora do livro.

O livro “Fábulas do século 21” é o resultado de um trabalho de incentivo à leitura e de aprimoramento da escrita dos alunos participantes de um projeto intitulado Projeto Fábulas, que entre leituras de inúmeras fábulas, promoveu a produção escrita de uma fábula autoral a cada um desses alunos, fazendo com que trilhassem, de modo cada vez mais autônomo, os caminhos da (re)leitura e da reescrita, através de uma sequência didática personalizada construída a partir dos princípios do dialogismo sociointeracional.

Assim, as fábulas escolhidas são “O leão velho e a raposa”, do livro de Esopo e “O cachorro e o rato”, do livro “Fábulas do século 21”.

5. A prosopopeia nas fábulas

Muitos séculos separam os fabulistas Esopo e os jovens autores do século XXI, no entanto, a prosopopeia apresenta-se como um ponto unitivo entre os textos desses fabulistas, visto que eles escolheram e utilizaram personagens fictícios, especialmente animais, para dissimular as situações reais do dia a dia, para dar voz “aos indivíduos marginalizados nas relações de poder” (MARTINHO, 2016, p. 27) e dar “esclarecimento e conhecimento da verdade” (PORTELA, 1983, p. 127).

O processo de personificação faz com que as personagens animais, por exemplo, ganhem personalidades humanas e, por conseguinte, passem a agir, a sentir, a pensar e a falar como seres humanos. Esse processo, por sua vez, atrai a atenção, desperta o interesse e curiosidade de ouvintes e de leitores, todavia, somente os ouvintes/leitores mais atentos e experientes conseguem decifrar a mensagem subliminar que se pretende repassar sob uma ingênuo aparência de história de animais, pois, conforme explica Portela (1983),

(...) a verdade destilada da boca de um animal irracional atinge o homem, não aberta e direta, mas sub-repticiamente. Da boca de uma raposa, de um corvo, de um cordeiro ou de um leão, o homem não se nega a ouvir verdades ou lições que a princípio parecem não ser dirigidas a ele, mas, aos poucos, agem sobre seu subconsciente e quando o homem menos espera, está frente a frente com ela. (PORTELA, 1983, p.126)

A preferência por personagens animais justifica-se também pela experiência comum dos homens com os animais na vida real, de modo que a apresentação e atuação deles na fábula não exigissem “uma prévia descrição desses animais” (Cf. PORTELA, 1983, p. 135). Outro fator que influencia na escolha de personagens animais é a possibilidade de “despir o homem de seu complexo de grandeza” (PORTELA, 1983, p. 136), para fazê-lo enxergar a animalidade que existe dentro dele. Por isso, na fábula, conforme explicação de Botelho (2007, p. 1), “a comparação entre as reações dos homens e dos animais ganharam contornos interessantíssimos, já que se confirmava a semelhança entre a reação instintiva do animal e a reação racional do ser humano”

6. Análise das fábulas

Das mais de quatrocentas fábulas disponíveis nas duas obras escolhidas para compor este trabalho, “Esopo: fábulas completas” e “Fábulas do século 21: a singularidade do olhar infantojuvenil”, duas foram selecionadas para exemplificar o uso da prosopopeia nas escritas fabulares de Esopo e do jovem Caio Vinícius, autores de, respectivamente, “O leão velho e a raposa” e “O cachorro e o rato”, separados por um longo período temporal.

O leão velho e a raposa

(Esopo)

Um leão já velho, sem condições de arranjar alimento com o próprio esforço, entendeu que precisava fazê-lo por meio da criatividade. Então foi para uma caverna e lá se deitou, fingindo-se doente. E assim, os animais que vinham fazer-lhe uma visita, ele agarrava e devorava. Como grande quantidade de bichos havia sido capturada, uma raposa, tendo deduzido qual era sua tática, foi até lá e, detendo-se a uma certa distância da caverna, perguntou-lhe como estava. O leão disse: “Estou mal”. E quis saber por que razão ela não entrava. Então ela disse: “Mas bem que eu entraria, se não estivesse vendo pegadas de muitos animais que entraram, mas de nenhum que saiu.”

Assim, os homens sensatos safam-se dos perigos, porque tomam precauções a partir dos indícios.

Esta primeira fábula traz duas personagens antropomorfizadas: o leão e a raposa. Em muitas histórias de animais, inclusive nas fábulas, o leão é retratado como “rei” e a raposa destacada por sua astúcia, tais caracterizações estão em conformidade com a vida desses animais na natureza, visto que o leão é considerado “rei” de seu grande bando e “rei” dos predadores, por estar no topo da cadeia alimentar; a raposa é uma

excelente caçadora e, por isso, utiliza-se de estratégias para confundir e abocanhar suas presas.

A metáfora do comportamento humano presente na fábula em tela fica a cargo da esperteza nas atitudes de ambas as personagens, leão e raposa. O leão, apesar de velho, é mais forte e maior que a raposa, ou seja, superior a ela, e, para conseguir alimento com menos esforço, decide utilizar-se da criatividade, na verdade, da malandragem para devorar os animais que o visitavam na caverna, “Um leão já velho, sem condições de arranjar alimento com o próprio esforço, entendeu que precisava fazê-lo por meio da criatividade. Então foi para uma caverna e lá se deitou, fingendo-se doente.”

A raposa, o mais astuto dos animais, percebe as artimanhas do leão e desmascara-o, evidenciando a supremacia dela no quesito astúcia, “Mas bem que eu entraria, se não estivesse vendo pegadas de muitos animais que entraram, mas de nenhum que saiu.” Assim, tanto na fábula como na vida, muitas pessoas querem tirar proveito das situações e das pessoas, julgando-se superiores e espertas em relação as outras, como o leão, porém, essas mesmas pessoas podem encontrar pessoas mais ardilosas que elas, a exemplo da raposa.

Em estudos realizados por Marinho (2016), observa-se que uma fábula possibilita muitas interpretações, devido ao seu caráter alegórico, porém, dentro da própria fábula, há um direcionamento a seguir, quando “o próprio enunciador, contudo, oferece sua própria interpretação dos fatos narrados no momento em que apresenta uma moral, implícita ou explícita” (MARINHO, 2016, p. 39). Sendo assim, em *O leão velho e a raposa*, observa-se que a intenção do enunciador conduz seus ouvintes/leitores a uma reflexão sobre a prudência, visto que os alerta a prever e evitar perigos a partir dos sinais, “Assim, os homens sensatos safam-se dos perigos, porque tomam precauções a partir dos indícios.”

O cachorro e o rato

(Caio Vinícius C. Siqueira, 12 anos)

Há muito tempo, havia um cachorro triste, com fome e chorando, quando passou um rato com um pedaço de bolo. O cachorro triste chamou o rato e perguntou:

– Onde você pegou esse pedaço de bolo?

O rato ficou triste porque o cachorro estava sem nada para comer, então, o rato ficou com pena e deu o seu pedaço para o cachorro, e falou assim:

– Toma, pode ficar para você.

– Obrigado!!! Mas o que você vai comer? – Perguntou o cachorro.

– Eu pego outro pedaço – Respondeu o rato.

– Vou dividir com você – Disse o cachorro.

– Não precisa, pode ficar para você – Disse o rato.
Então, o cachorro e o rato viraram amigos de verdade.

Moral da história: Temos que ajudar as pessoas que mais precisam, porque pode acontecer com a gente e elas nos ajudarem.

“O cachorro e o rato” é uma fábula autoral de um aluno do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do estado do Rio de Janeiro. Ele construiu uma narrativa que emociona quem lê com o coração, pois seu texto aborda uma das mais perversas formas de violência: a fome.

Nessa fábula, há a presença do diálogo direto entre as personagens antropomorfizadas, cachorro e rato, e essa opção discursiva ajuda a acentuar a “caracterização das personagens, com reproduzir-lhes, de maneira mais viva, os matizes da linguagem afetiva, as peculiaridades de expressão (gíria, modismos fraseológicos etc.)” (GARCIA, 2010, p. 149). Com isso, temos um diálogo delicado entre aquele que tem fome e aquele que tem o alimento para comer.

Nota-se também que, nesta fábula, as personagens apresentam-se em uma relação diferente da que está estabelecida na natureza. Em outras palavras, na natureza, o cachorro e rato não são amigos, nem mesmo o rato deixaria comida para o cachorro, pelo contrário, espera-se que o rato roube a comida do cachorro. No entanto, por ser a fábula uma narrativa ficcional há a permissão para o trabalho com a criatividade.

Nessa inventividade, o aluno-autor procura enfatizar a virtude da compaixão, acompanhada do ato de caridade, através da adjetivação de “cachorro triste”, para marcar a tristeza permanente de quem não tem alimento para a própria sobrevivência, e a tristeza temporária de quem sente a dor do outro, “O rato ficou triste”. No final, a boa ação é celebrada através da amizade, até então incomum, entre o cachorro e o rato, entre o desvalido e aquele que se dispõe a ajudar mesmo com o pouco que tem.

Por fim, através do *epimítio* (moral da história após a narrativa), o fabulista juvenil confirma sua intenção narrativa ao reafirmar a caridade e a compaixão como atitudes importantes nas relações sociais, “Temos que ajudar as pessoas que mais precisam porque pode acontecer com a gente, e eles ajudarem”.

7. Considerações finais

A fábula, um dos gêneros mais antigos da humanidade, conquista, ainda hoje, um público amplo e diversificado, embora, fosse dirigida a um público adulto em sua origem.

Suas características ímpares e sua versatilidade contribuem para que a fábula se apresente sempre como nova. Ou seja, a fábula permite a criação de uma narrativa ficcional permeada por elementos comuns de uma dada cultura, possibilitando momentos de riso, de reflexão e de denúncia, enfatizados pela moral da história.

A criatividade encontra um lugar fecundo nas linhas fabulares, seja em prosa ou em verso, de modo que, à maneira de fabulistas consagrados, as personagens, sobretudo os animais, ganhem atitudes, sentimentos e palavras humanos, que os levem a refletir sobre si mesmos, conforme observou Botelho (2007):

Assim, além de proporcionar ao público interessado momentos de humor, de estarecimento, de indignação e de outros tipos de caráter psicológico, tal gênero oferecia ao ser humano a oportunidade de reflexão sobre seus atos. (BOTELHO, 2007, p. 1)

As fábulas analisadas neste trabalho trazem os animais em atitudes humanas para fazer refletir sobre a esperteza, como se constatou a partir da análise daquela fábula esopiana, e a compaixão e a caridade dentro das relações sociais, como se observou na análise da segunda fábula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTHIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BOTELHO, José Mario. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Judiai-SP: Paco, 2012.

_____. A importância dos animais nas fábulas de Aviano, como metáforas das atitudes humanas. *Anais do IV CLUERJ-SG*, Ano 4, n. 3, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/ANAIS/IV/completos/comunicacoes/Jos%C3%A9%20Mario%20Botelho.pdf>.

CÂNDIDO, A. “O direito à literatura”. In: LIMA, Aldo de (Org.). *O direito à literatura*. Recife: UFPE. 2012. p. 14-40

DEZOTTI, Maria C. C. (Org.). *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. São Paulo: Unesp, 2018.

ESOPO. *Esopo: fábulas completas*. Trad. de Maria Celeste Consolin Dezotti. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas selecionadas de La Fontaine*. Trad. de Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MARINHO, L. A. F. *Uma conversa com as fábulas de Fedro*. Tese (Tese em Letras) – UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

PORTELLA, O. O. A Fábula. *Revista Letras*, Curitiba, v. 32, 1983. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19338>.

ROMANA, Erika (Org.). *Fábulas do século 21: a singularidade do olhar infantojuvenil*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

SILVA, Erika R. L. B. da. *A fábula como elemento didático na formação leitora e na produção escrita de educandos do ensino fundamental: uma proposta de intervenção*. Dissertação (Dissertação em Letras) – PRO-FLETRAS-UFRJ. Rio de Janeiro, 2020.